O Cônsul do Ceará em Pernambuco

Fernando Câmara

O ano de 1992 registra dentre outros importantes eventos o centenário de nascimento do Dr. Antônio Monteiro de Moraes Nascimento, o Professor Monteiro de Moraes, como ficou conhecido entre nós, o qual, radicando-se em Recife, ali recebeu o merecido título de "O CÔNSUL DO CEARÁ EM PERNAMBUCO", tais as atenções e gentilezas prestadas aos cearenses que batiam à sua generosa porta.

Era natural de Quixeramobim, onde nasceu no dia 19 de janeiro de 1892, tendo como pais o magistrado Dr. Antônio Monteiro do Nascimento, na época Juiz de Direito da Comarca, e Maria Amélia Moraes do Nascimento, nascida em Pernambuco.

Falecendo repentinamente o seu genitor em 17 de dezembro de 1903, a viúva retornou ao Recife com os filhos, ali fixando residência e contraindo novas núpcias com o Sr. Hermógenes de Moraes.

O Professor Monteiro de Moraes iniciou os estudos no antigo colégio dos Padres Beneditinos na Serra do Estêvão, em Quixadá, prosseguindo depois no Colégio Salesiano de Recife, fazendo parte da 1ª turma de bacharéis em Ciências e Letras.

Ingressando na Faculdade da Bahia, veio a se doutorar em Medicina em 20 de dezembro de 1915, com tese aprovada por distinção.

Retorna então ao Recife contraindo núpcias em 9 de dezembro de 1916 com Dulce Ramos de Moraes, havendo dessa união conjugal cinco filhos: Moacir, médico e antigo professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Recife, já falecido; Jandir, engenheiro civil, também falecido; Waldir, engenheiro civil; Edir, funcionário aposentado do Tesouro do Estado de Pernambuco e Antônio Monteiro de Moraes, engenheiro civil do DNOCS, aposentado e radicado em Fortaleza.

Entre os vários títulos que detinha destacamos os seguintes: Presidente, repetidas vezes, da Sociedade de Medicina de Pernambuco, membro da Sociedade Internacional de Medicina, médico do Serviço Pré-Natal do Estado, Diretor da Maternidade de Afogados, Presidente da Sociedade de Ginecologia de Pernambuco, Catedrático das Faculdades de Medicina e Odontologia da Universidade do Recife, tendo sido, ainda, major médico da reserva do Exército Nacional.

Se a sua existência passou em Recife, o seu pensamento, porém, nunca saiu de Quixeramobim, terra que muito amava e se ufanava de possuir como berço natal.

Todos os anos, tão logo o inverno se declarava no Ceará, o Professor Monteiro de Moraes reunia a família em Recife e vinha rever a terra querida. Mal chegava à cidade sua primeira visita era a Santo Antônio, na Igreja Matriz, fato este presenciado por mim repetidas vezes.

Em seu artigo "QUIXERAMOBIM, MINHA TERRA", publicado no jornal **O Povo**, ele justificava este procedimento:

> *É antigo hábito meu, logo ao chegar, ir direto à Igreja Matriz louvar e agradecer ao meu padroeiro, a felicidade de ali estar mais uma vez; Igreja onde me batizei; Igreja onde ainda me vejo menino, beijando a destra de um santo: monsenhor Salviano! Igreja onde por tantos anos se elevaram as vozes de meus antepassados em preces e louvores a Deus! Igreja onde até as formosas andorinhas, que chilreiam em suas torres, na serenidade de seus vôos, me fazem sonhar com as divinas alturas! Como é bonita a Igreja Matriz de minha terra na sua alvura e na sua majestade!*

Enquanto permanecesse em sua fazenda Recreio, propriedade fundada por seus antepassados e ainda hoje pertencente aos seus filhos, não faltavam as visitas, dos mais humildes conterrâneos até os grandes da terra, todos recebidos com a mesma cordialidade e espírito humorístico, tão característico de sua personalidade.

Tinha um verdadeiro amor ao passado e à tradição histórica da família, cultuando a memória dos mais distantes ascendentes, tal o filho extremoso que venera a de seus pais.

Quando da decorrência do terceiro centenário da batalha de Guararapes, representou em Pernambuco o então governador do Ceará, Faustino de Albuquerque, pronunciando na oportunidade uma conferência sobre a participação cearense na expulsão do bátavo invasor.

Este interessante trabalho foi depois publicado e mereceu do autor a seguinte dedicação:

> *Quixeramobim! minha terra! Terra onde repousam as cinzas de muitos de meus antepassados! Enamorado de ti, como evoco, cheio de saudades, a linda paisagem dos teus campos, o recorte pitoresco das tuas serras, as tuas lagoas, os teus riachos, o teu rio! A brancura mística da tua Igreja Matriz onde recebi as águas lustrais do batismo! Os teus caboclos, a alegria boêmia dos teus filhos, sempre resignados a tua pobreza, mas orgulhosos do seu próprio destino.*
> *Quixeramobim! Como eu te quero e tanto me ufano de ser teu filho! Aqui me tens, diante de ti, na postura magnífica dos que te sabem querer.*
> *Quixeramobim, para ti, esta pequena homenagem.*

Não conheci outro conterrâneo que tenha escrito tamanha exaltação à terra, e da qual se revelou um eterno apaixonado. Embora distante, dela jamais se divorciou.

Tal como o cisne que pressente a morte, o Professor Monteiro de Moraes na sua última viagem a Quixeramobim fez questão de escolher no mausoléu dos seus ilustres antepassados o local para a última morada.

Ao regressar depois à capital pernambucana, conduziu um saquinho de areia, colhida em seu Quixeramobim tão decantado, para lhe servir de travesseiro no derradeiro sono.

A morte o colheu em 15 de agosto de 1966, quando em sua mansão, rodeado da esposa e filhos, havia comemorado o Dia dos Pais.

Ali teve a sua primeira sepultura.

Alguns anos mais tarde, cumprindo o último pedido, a família trouxe para a terra amada, os seus restos mortais.

Quixeramobim não ficou indiferente ao grande acontecimento.

O então prefeito Alfredo de Almeida Machado, de comum acordo com a Câmara Municipal e Paróquia de Santo Antônio, comandou todas as merecidas homenagens prestadas à memória do saudoso parente.

Em sessão solene do Legislativo Municipal, dedicada ao inesquecível conterrâneo, foi inaugurado o seu retrato na Galeria de Honra dos quixeramobienses ilustres.

Uma missa de réquiem oficiada pelo reverendíssimo vigário da Paróquia foi celebrada na Igreja Matriz que dele recebeu sempre a primeira visita, ao pisar o solo de Quixeramobim.

Após este ato religioso uma multidão conduziu a urna mortuária, encimada pelo pavilhão nacional e com a participação das mais gradas autoridades, ao jazigo de seus antepassados.

Cumpriu-se a sua última vontade e que Deus o tenha em Sua Glória!